

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Indexada nas bases: LILACS/BIREME desde 1997
PsycINFO, Psychoanalytical Abstract e CLASE

Homepage: www.sppa.org.br
Volume XVI – Nº 2 – Agosto – 2009

Editor

Zelig Libermann – zliber@terra.com.br

Editores Associados

- Executivo: Flávio de Oliveira e Souza – flavio.de.souza@terra.com.br
- Redação: Tula Bisol Brum – tulabrum@terra.com.br
- Seções Especiais e Entrevistas: Rosane Schermann Poziomczyk – pozio@uol.com.br

Conselho Editorial

- Lúcia Thaler
- Luisa Maria Rizzo
- Luiza Olga Luderitz Hoefel
- Magali Fischer
- Neusa Knijnik Lucion
- Patrícia Fabrício Lago
- Regina Orgler Sordi

Conselho Consultivo

- Anette Blaya Luz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Carlos Gari Faria
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Carmen Médici de Steiner
Associação Psicanalítica do Uruguai
- César Luís de Souza Brito
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Clara Rosa Nemas de Urman
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Elias Mallet da Rocha Barros
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Elizabeth T. de Bianchedi
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Joel Nogueira
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Jorge L. Ahumada
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- José Carlos Calich
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Juan Francisco Jordán Moore
Associação Psicanalítica do Chile
- Julio Moreno
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Leopold Nosek
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Maria Aparecida Quesado Nicoletti
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Maria Olympia de A. F. França
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Mauro Gus
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Ney Couto Marinho
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
- Norberto C. Marucco
Associação de Psicanálise da Argentina
- Paulo Fonseca
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Paulo Henrique Favalli
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Plínio Montagna
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Raquel Zak de Goldstein
Associação de Psicanálise da Argentina
- Ricardo Bernardi
Associação Psicanalítica do Uruguai
- Robert Michels
Associação Psicanalítica Americana

Conselho Consultivo (cont.)

- Virgínia Ungar
Associação Psicanalítica de Buenos Aires

Conselho de Revisores

- Alice Becker Lewkowicz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Alírio Torres Dantas Junior
Sociedade Psicanalítica do Recife
- Arnaldo Chuster
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro
- Bruno Salésio da Silva Francisco
Sociedade Psicanalítica de Pelotas
- Cássia Nuevo Barreto Bruno
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Cibele Maria de Baptista Brandão
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Cláudio Laks Eizirik
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- David Epelbaum Zimerman
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Eneida Iankilevich
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Flávio Rotta Corrêa
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Germano Vollmer Filho
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Isaac Pechansky
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Juarez Guedes Cruz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Jussara Schestatsky Dal Zot
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Luciane Falcão
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Luiz Carlos Mabilde
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Marina Massi
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Marlene Silveira Araujo
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Nilde J. Parada Franch
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Paulo Fernando B. Soares
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Raul Hartke
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roaldo Naumann Machado
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roberto Cunha
Sociedade Psicanalítica de Paris
- Roberto Gomes
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roosevelt Moises S. Cassorla
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Ruggero Levy
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Samuel Zysman
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Sérgio Lewkowicz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Secretária Executiva: Rosângela Broch Veiga
Revisão: Clotilde Favalli • **Capa – Arte:** Liziane Leite Cruz
Composição: Luiz Cezar F. de Lima • **Impressão:** Gráfica Editora Pallotti

A *Revista de Psicanálise* da SPPA tem por objetivo publicar trabalhos teóricos e clínicos originais de psicanálise bem como suas interfaces com a cultura e saberes contemporâneos.

Linha Editorial

A *Revista de Psicanálise* da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre é uma revista de psicanálise com artigos avaliados por pares de forma totalmente anônima (*peer-reviewed*) que recebe contribuições inéditas ou originais no país de artigos que versem sobre teoria e técnica psicanalítica, história da psicanálise, comunicações clínicas psicanalíticas, temas de educação e profissão psicanalítica, pesquisa e metodologia para a pesquisa psicanalítica e estudos interdisciplinares com ênfase em psicanálise.

Data de impressão: agosto de 2009

Tiragem: 500 exemplares

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. XVI, nº 2 (ago., 2009)
– Porto Alegre: SPPA, 1993 –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDD: 616.891.7

Bibliotecária responsável: Rosângela Broch Veiga
CRB 10/1734

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802
90010-210 - Porto Alegre-RS
Tel. 051 3228-7583 / Fax 051 3224-3340
E-mail: revista@sppa.org.br
Homepage: www.sppa.org.br

Adolescência e violência: dificuldades no processo de subjetivação

Álvaro Nin*, Montevideu

Silvia Flechner*, Montevideu

A violência na adolescência tem, geralmente, origens multifatoriais. As complexas situações que ocorrem ao longo do período adolescente, entre as quais se inclui a violência, são provenientes do desequilíbrio de fatores singulares, familiares e sociais. Abordaremos brevemente os pontos de vista socioculturais, assim como os aspectos familiares para nos centrarmos no ponto de vista psicanalítico referente à violência, bem como no agir na adolescência. Através de exemplo clínico, tentaremos explicitar o papel fundamental do tratamento psicanalítico como abertura de um espaço: o espaço da análise concomitantemente com o espaço psíquico, destinado a ceder lugar ao pensamento e a sua expressão em palavras.

Descritores: Adolescência. Violência. Atuar. Espaço analítico.

* Membro didata da Associação Psicanalítica do Uruguai.

A violência na adolescência tem, geralmente, origens multifatoriais. As complexas situações que vão se constituindo ao longo do período da adolescência – entre as quais se inclui a violência – são provenientes do desequilíbrio de fatores singulares, familiares e sociais. Os transtornos da personalidade, a incapacidade de compreensão dos pais, produto de um contexto ambiental desfavorável, além da dificuldade de inserção num grupo de pares fazem com que, muitas vezes, os jovens sejam considerados como antissociais suscetíveis a desenvolver diferentes graus de hostilidade. Confrontamo-nos com situações que hoje nos ocupam e preocupam como psicanalistas, levando também em conta o contexto sociocultural, político e econômico que delineará muitos dos parâmetros através dos quais esse trânsito se estabelece.

Pensar sobre a violência na adolescência exige considerar seus múltiplos sentidos, desde a sadia afirmação do próprio espaço diante do outro até a repetição de vivências traumáticas violentas, nas quais se incluem situações como a violação dos limites espaço-temporais e corporais.

Capturado pelas transformações corporais, assim como pelas mudanças referentes ao lugar que ocupa dentro da família e da sociedade; exposto à invasão de excitações internas e externas, o adolescente mostra a complexidade de sua organização psíquica e os possíveis riscos de descompensação mental. Introduziremos brevemente os fatores socioculturais e familiares, para nos centrarmos no ponto de vista psicanalítico que consideraremos neste trabalho.

O ponto de vista sociocultural

Os jovens foram protagonistas importantes da história do século XX. Sua irrupção na cena pública contemporânea da América Latina pode ser localizada na época dos movimentos estudantis do final da década de sessenta. Começava ali a delinear-se um ator social que tendia a ser visto com temor e que, através de suas expressões, afirmava uma vontade de participar como ator político. Nessa época os jovens do continente começaram a ser considerados *responsáveis* pela violência nas cidades. O consumo de drogas e a violência firmaram-se, aparentemente, como os únicos fatores *aglutinadores* das culturas juvenis, tornando-se assim visíveis como problema social.

Os *chavos*, a *banda*, os *cholos*, os *punks* no México, as *maras* na Guatemala e El Salvador, os grupos de *sicarios*, *bandas* e *parches* na Colômbia, os *landros*

na Venezuela, os *favelados* no Brasil começaram a ocupar espaços na crônica policial dos meios de comunicação.

No final da década de oitenta e no início dos anos noventa, surgiu uma nova denominação: os jovens eram considerados *delinquentes* e *violentos*. Foi essa a classificação dada a certo tipo de jovens cujas condutas e manifestações no espaço público entravam em conflito com a ordem estabelecida e extrapolavam o modelo de juventude da modernidade ocidental que sua “versão” latino-americana lhes reservara (Reguillo Cruz, 2000).

O século XXI começou com evidentes sinais de crise sociopolítica. De maneiras diferentes, os jovens continuaram desafiando as certezas. Logicamente, eles não constituem uma categoria homogênea, muitos deles não compartilham das formas de inserção na estrutura social, o que envolve uma questão de fundo: os esquemas de representação configuram campos de ação diferenciados e desiguais.

A situação familiar

A situação familiar desta época também marca outra virada importante. Às vezes, o grupo de pares supre as carências familiares e, seja este um substituto positivo ou negativo, a tentativa é de, por um lado, substituir uma ausência e, por outro constituir uma nova forma de pertencimento. Estes grupos podem ter condutas agressivas, próprias de todos os seres humanos, ou podem também ir além, desenvolvendo aspectos violentos, desafiando os limites tanto de forma individual como grupal. As raízes da violência dos grupos de jovens e dentro dos próprios grupos obedecem a uma multiplicidade de fatores dignos de estudo e de pesquisa pelas equipes multidisciplinares. Estes aspectos ultrapassariam a finalidade deste trabalho.

Outro fator que busca substituir as carências familiares, os pais ausentes ou inexistentes, é a televisão (além dos videogames e do *chat* por computador). Tanto as novelas, como os *reality shows*, a propaganda, as cenas de sexo explícito, as cenas de violência ou terror provocam no adolescente um efeito de borramento das diferenças entre realidade e ficção, entre o interno e o externo.

O mundo da imagem provoca, na atualidade, a fantasia de que tudo é acessível. O poder aprisionador da imagem, por sua vez, vai gerando uma confusão entre o *querer ser* o outro e o *acreditar ser* o outro. O íntimo e o privado deixam de ter esse caráter separador e determinante para se tornarem fato público. Certamente, o fato de um jovem telespectador estar exposto constantemente a

inúmeras cenas de sangue, mutilações, violência e tortura, que vão sendo absorvidas ao longo dos seus primeiros quinze anos de vida, aumentará significativamente sua tendência a ter comportamentos violentos.

Em muitos lares instáveis, onde os pais são negligentes ou cometem abusos, a exposição cotidiana à violência e o embrutecimento decorrente disso – ao ponto de anestesiar o sentido de sofrimento e a dor dos outros – associam-se ao aumento do risco auto e hétero-agressivo nos jovens. Os fatores ambientais nefastos tais como os maus-tratos ou o incesto em suas variadas formas são, também, suscetíveis de predispor a comportamentos violentos.

De qualquer forma, é importante evitar a tendência à generalização. Isto permitirá que certas marcas identificatórias (rastas no cabelo, tatuagens, perfurações em diferentes partes do corpo), certas práticas (uso constante de walkman, os graffittis), o uso de drogas leves e pesadas, não terminem se transformando em um discurso explicativo e totalizador que afirma que estas são as características *naturais dos jovens* da atualidade, cuja origem está na *desintegração familiar* ou na *perda de valores sociais*.

Muitas das representações e práticas juvenis poderiam também ser entendidas como *metáforas da mudança social* (Reguillo Cruz, 2000). Aceitar esta colocação permitiria romper certas leituras lineares e privilegiar uma aproximação em termos de mudança social, *fazer falar* o conjunto de elementos que, entre os jovens, apontam para “novas” concepções sobre o sociocultural em geral e para formas de relação com o próprio corpo em particular, o que abordaremos mais adiante do ponto de vista psicanalítico.

Alguns pontos de vista psicanalíticos

Um questionamento que nos inquieta em relação ao uso do termo violência é como empregá-lo na clínica psicanalítica com adolescentes. As atitudes individuais ou coletivas que nós, analistas, habitualmente denominamos *violentas* equivaleriam, em grande medida, ao que Freud definiu como aquilo que é próprio da agressividade, ou seja, a mistura pulsional realizada secundariamente a partir dos grandes dinamismos de base. Em *Totem e Tabu*, Freud (1913) afirma que uma tendência natural a matar está presente em todos os indivíduos nas origens do inconsciente.

Antes de 1920, o termo agressividade esteve praticamente ausente da obra de Freud. Posteriormente, com a teorização sobre a pulsão de morte, começa a se vislumbrar a ideia de que a agressividade se volta primeiramente contra o sujeito

e permanece, para dizê-lo de alguma forma, estancada nele, antes de ser defletida para o exterior (tese do masoquismo primário). Em 1920, em *Além do Princípio do Prazer*, Freud afirmava a existência de um dualismo pulsional desde as origens da sexualidade; a teoria da ligação e desligamento das pulsões parece fundamental para se compreender a agressividade.

Estas características foram destacadas por autores como M. Klein, que insiste no papel predominante desempenhado pelas pulsões agressivas desde a primeira infância. Segundo M. Klein (1927), as tendências à criminalidade existiriam precocemente na criança normal, nas fantasias do estágio sádico-oral e sádico-anal. Os autores kleinianos retomaram o estudo das fantasias violentas muito precoces e descreveram os medos de toda criança de ser vítima de representações parentais terríficas, evidenciando a própria violência da criança projetada nos pais nesse período. Eles mostram que a violência não integrada à libido pode conduzir a atitudes que buscam a destruição do objeto e que têm continuidade no adulto em tendências criminais ou antissociais. Para M. Klein (ibid.), o núcleo violento primitivo não desaparece nunca, uma parte é integrada à libido para conferir-lhe sua potência, enquanto a outra dá lugar à agressividade e ao verdadeiro sadismo.

Winnicott (1984) retoma alguns dos aportes kleinianos e apresenta seu ponto de vista no que se refere à determinação da origem da agressão, dizendo que queremos saber de que modo um bebê destrói o mundo, talvez numa etapa muito inicial de sua vida. É um questionamento de importância vital, já que o resíduo desta destruição infantil *não fusionada* pode destruir de forma efetiva o mundo onde vivemos e que amamos. Na magia infantil, a criança pode aniquilar o mundo com um simples fechar de olhos e recriá-lo com um novo olhar e uma nova fase de necessidade. Segundo Winnicott, ainda resta uma pergunta: conhecemos a origem desta força inerente ao ser humano, que sustenta a atividade destrutiva ou o sofrimento equivalente quando o indivíduo exerce seu autocontrole? Por trás de tudo isto, encontramos a *destruição mágica*, normal nas fases mais precoces do desenvolvimento do bebê e que acontece paralelamente à criação mágica. A destruição primitiva ou mágica de todos os objetos está relacionada ao fato de que, para o bebê, os objetos mudam: deixam de ser *parte de mim* para transformar-se em algo *diferente de mim*. Já não são fenômenos subjetivos, mas percepções objetivas.

A. Green (1990) dará um passo à frente em relação à opinião de Freud, afirmando que a oposição entre Eros e as pulsões de destruição não se limitam a conotar o primeiro pela ligação e as segundas pelo desligamento. Segundo ele, seria mais correto supor que Eros é incompatível com a ligação e o desligamento

imbricados ou alternados, mas que as pulsões de destruição são puro desligamento (Green, 1990). Além disso, proporá uma pergunta fundamental já formulada por Freud (1915): a violência exercida pelo sujeito é essencial, primitiva, intrínseca ou não é nada além de um dos destinos possíveis de outra força que será exercida sobre o mundo e sobre o próximo?

Green (1995) sustenta que o que caracteriza o aspecto especificamente humano da violência é sua negatividade, o que implica uma forma de violência em que, por decreto de inexistência, pode-se destruir o objeto. Reduzir um objeto a nada, desconhecendo-o, ignorando-o, é a forma perfeita de assassinato que leva ao desaparecimento do outro. Green explica, então, que a violência deve ser concebida sob o ângulo da força, uma força surda, constante, que exerce pressão no seio do psiquismo para obter satisfação.

O termo violência somente é usado por Freud em seu texto *Por que a guerra?* (1932), respondendo a Einstein e fazendo referência mais a uma tendência inerente ao ser humano. Já em *Totem e Tabu* (1913), situa uma violência originária como fundante: violência do pai primitivo todo-poderoso sobre os membros da horda, mas também violência dos irmãos para se verem livres do tirano e instaurarem uma sociedade baseada no totemismo e na exogamia.

Outros autores como Bergeret (1994) retomam o conceito de Freud sobre a violência natural primitiva, apresentando o conceito de *violência fundamental*. Para este autor, o termo *violência* conota, de forma mais precisa, a ideia de um instinto natural, brutal, destinado à defesa da vida. Do ponto de vista etimológico, o termo *violência* é proveniente do latim *violentia*, o qual deriva do radical indo-europeu, que deu origem em grego ao termo *bios* e em latim ao termo *vita*. Esta etimologia inclina o autor para uma orientação essencial em direção à vida. Os termos brutalidade, veemência, impetuosidade, cólera, luta, combate poderiam ser mais convenientes, mas não equivalem a uma etimologia que dá origem a um ostentoso esforço para se manter vivo.

Estes elementos servem para que comecemos a nos perguntar sobre o próprio termo violência: tornou-se este um conceito psicanalítico?

A imposição de um sentido levado a cabo pela mãe sobre o bebê levou Piera Aulagnier (1976) a um admirável desenvolvimento metapsicológico com seu conceito de violência primária, usado com o sentido de instituir o bebê como sujeito, ao irromper no seu espaço psíquico no momento de encontro com a voz materna. Diz a autora que o fenômeno da violência tal como o entendemos aqui remete, em primeiro lugar, à diferença que separa um espaço psíquico, o da mãe, onde a ação de repressão já se produziu, da organização psíquica própria do *infans*. (Aulagnier, 1976).

As diferentes acepções que atribuímos a este termo poderiam nos levar a outro questionamento: se a violência se caracteriza como privativa de liberdade, coercitiva no uso da força, como usá-la para designar uma ação fundante no estabelecimento de um espaço psíquico?

O agir

A experiência demonstra que o agir é uma característica da adolescência, assim como o brincar durante a infância, ou a comunicação através da linguagem na idade adulta. Poderia ser considerado um fenômeno típico da adolescência.

Embora a condição adolescente favoreça o agir, nem toda ação adolescente conota um risco. Estamos referindo-nos, neste caso, àquelas ações que, por suas características, conotam um perigo que, muitas vezes, coloca em risco a própria vida.

Para melhor compreensão deste conceito, diríamos: o agir afasta-se da via da renúncia dirigindo-se à busca da satisfação imediata, deixando assim suspensos os parâmetros espaço-temporais no que se refere à representação. A capacidade de espera, necessária para gerar a ilusão, torna-se incontrolável e a descarga motriz se fará presente.

M. Viñar (2004) explica isso dizendo que a ficção teórica freudiana da *experiência de satisfação* é um bom modelo de referência como ponto de partida para discernir o intervalo entre pensamento e ação, o que na nossa clínica cotidiana podemos reformular como intervalo entre conflito interno e atuação impulsiva. O que é psicanalítico neste modelo não é a necessidade biológica de saciar a fome, mas algo que vem por acréscimo na alternância da fome e da saciedade, que satisfaz a necessidade e exorciza a frustração. Ali gera-se um espaço de dependência e configura-se o primeiro objeto: aquele que satisfaz e fatalmente frustra. Entre ambos reside a satisfação alucinatória da chupeta ou do polegar. Freud (1894) destaca a importância deste modelo afirmando que a indefensibilidade originária do ser humano torna-se a fonte primordial de todos os motivos morais.

O trauma precoce também tem sido frequentemente considerado como um pré-requisito para o agir na adolescência, mas este não é específico e sim deverá levar em conta outros componentes (a multifatorialidade que mencionamos inicialmente) quando fizermos referência ao agir agressivo ou violento.

Por sua vez, a ausência traumática – de limites, de mãe suficientemente boa – deixará em evidência as falhas narcisistas ocorridas pelas dificuldades precoces no estabelecimento da relação de objeto. O trabalho psíquico pode ser

então rechaçado, porque poderá fazer ressurgir o sofrimento e reviver aqueles primeiros momentos em que predominou a ausência.

As decepções consecutivas, devidas a profundos sentimentos de perda e isolamento vividos precocemente, as dificuldades identificatórias, a pobreza no processo de simbolização levam à predileção pelas manifestações voltadas para o mundo externo, expressas por meio da atuação em detrimento da elaboração mental. Através destas atuações pode ocorrer o risco de ruptura com a realidade em que o mundo externo aparece para o adolescente como imagem no espelho de sua realidade interna, com suas ameaças e conflitos, mas vivenciada como externa.

Quando a realidade interna transborda excessivamente, podemos encontrar situações que levam o adolescente ao que denominamos passagem ao ato, com a singular característica de uma inversão do movimento pulsional sobre a própria pessoa (Chabert, 2000). Esta inversão é determinada pelos movimentos de ódio dirigidos contra os objetos, contra a figura materna, mesmo quando, no nível manifesto, o agredido for o próprio adolescente, geralmente no nível corporal, por ações autodestrutivas. Estas ações condensam a experiência violenta de uma agressividade que despedaça e que, juntamente com a culpa acrescentada, configurará um quadro intenso e transbordante.

Em relação ao agir, P. Blos (1962) teorizou sobre o *acting out* apresentando-o como um componente essencial do processo adolescente, como um modo de regulação dos resíduos traumáticos que emergem especificamente durante a adolescência e, ainda mais, como uma forma habitual de linguagem na qual a ação substitui a palavra. O *acting out* é a modalidade principal, à maneira de um organizador, um regulador da adolescência.

Blos (ibid.) situa o núcleo do conflito psíquico numa história transgeracional marcada por uma *proibição de rememoração*. Esta proibição desempenha um papel essencial na construção da identidade do adolescente. Neste sentido, o autor fundamenta seu ponto de vista na pergunta sobre o narcisismo, sendo esta a possibilidade de reencontrar as referências de sua infância, uma busca que toma a forma de ação, amarrada à repressão e à mentira familiar. No sentido das preocupações atuais em torno da organização familiar, Blos é precursor da ideia segundo a qual uma família estrutura-se em torno de um significante escondido, determinando o sentido inconsciente dos *acting out* que se desdobram no momento da adolescência.

O desvio dos objetos de amor incestuosos provoca um vazio que testemunha a *fome de objeto* descrita pelo autor em 1962. Na modificação do vínculo entre mundo interno e mundo externo na adolescência, o desinvestimento das imagens parentais tem o efeito de empobrecer o mundo interno do adolescente. A relação

com o mundo externo está, conseqüentemente, perturbada, já que os objetos internos não sustentam suficientemente o narcisismo do adolescente.

Recorrer ao mundo externo através do *acting out* lembra-nos que o adolescente, antes de poder estruturar seus conflitos, passa pela regressão motora com a finalidade de encontrar os objetos fonte de afetos e de reforço identificatório independentemente dos pais. Esta passagem pelo mundo externo não deve nos confundir sobre seu uso: é, acima de tudo, uma questão de reforço da capacidade do ego de sustentar a luta contra a desagregação egóica.

O *acting out* também é a consequência do fracasso do processo de ligação entre o atual e o infantil, mas através de sua existência estabelece as bases de uma possível rememoração, oferecendo a possibilidade de uma colocação de sentido de uma construção psíquica que poderia dar origem à interpretação.

Blos (ibid.) considera que o ambiente é usado aqui como uma fonte de projeção da problemática infantil reatualizada pela adolescência, provocando a retomada de um movimento de projeção-introjeção. Este movimento deve contribuir em grande parte para a reestruturação do psiquismo, com a função de evitar sua ruptura e um transbordamento de tipo psicótico, particularmente na continuidade de sua história. Compreendemos, então, por que o autor insiste na natureza *regressiva-normal* do *acting out*. Este último é o ponto de ida e volta entre o mundo interno e o mundo externo, à maneira do brincar infantil, entre fantasia e realidade. O *acting out* produziria, então, uma atividade simbólica.

Neste sentido, C. Chabert (2000) coloca que, além dos significados que se costuma atribuir à passagem ao ato – interpretado como uma descarga pulsional, como uma insuficiência na capacidade de continência –, este também pode tornar manifesta, na adolescência, uma mobilização psíquica que visa a alimentar e preservar o substrato da fantasia. Seria uma tentativa de fazer aparecerem certas representações cujos rastros poderiam ter-se perdido. Pensar a passagem ao ato como uma produção certamente difícil e dolorosa, sustentando o espírito que a anima, reconhecendo os afetos que a alimentam e as representações que tentam, ao mesmo tempo, evitar e mostrar, parece ser um caminho de acesso útil para que um dia possam ser abandonadas.

A violação dos limites versus a afirmação dos limites

Na relação mãe-filho, é no registro do pensamento que será desencadeada uma luta decisiva referente à aceitação ou rechaço da mãe em reconhecer a diferença, a singularidade, a autonomia desse novo ser que foi totalmente

dependente dela para sobreviver. Permitir isso ao *infans* possibilitará que ele guarde seus pensamentos e deles se aproprie, o que implica ter um espaço psíquico diferenciado do de sua mãe, onde a possibilidade de um espaço íntimo e secreto seja totalmente viável. P. Aulagnier (1976) insistiu neste ponto. Isto instaura uma marca através da qual o ego do adolescente deverá ter condições de se opor ao poder materno, e onde seu direito à preservação de seus pensamentos pessoais e secretos não seja avassalado. A violência, neste caso, está a serviço do desenvolvimento de um espaço psíquico próprio, secreto. Trata-se, em primeiro lugar, e particularmente na adolescência, de tudo o que está relacionado com a sexualidade, regida em todas as sociedades pelas proibições que se referem à vida sexual e sua intimidade. O segredo garante a autonomia psíquica e reforça a liberdade pessoal, portanto esse espaço íntimo, inviolável, deveria ser preservado para começar a criar essa zona de intimidade, geradora da própria subjetividade¹.

A violência se apresentará como uma reação sadia do adolescente, quando houver uma violação dos limites do espaço do privado e secreto, dos limites espaço-temporais e dos limites corporais. Também sabemos que a violência confere identidade e gera sentido de pertencimento (como será descrito no caso clínico).

Nos casos em que houve uma violência traumática na história infantil, a violência adolescente pode encenar aquilo que o jovem sente que sofreu (por isso tantos casos de adolescentes violentos têm como base uma história anterior de violência familiar, vivida de forma dramática). Isto implica que a violência também pode ser entendida como uma recuperação do domínio através do sofrimento.

O terror exercido sobre o adolescente, tanto do ponto de vista familiar como social, tomado como violação dos limites, baseia-se na intensidade do medo que gera, mantendo o sujeito sob a dependência e a potência do outro que o domina. Isto implicará na ausência de um espaço onde a inscrição marque suas pegadas, ou seja, o espaço psíquico encontra-se impossibilitado de receber aquelas marcas que eventualmente poderiam ser introduzidas através da palavra. O terror articula-se, então, através de um processo de aniquilação do lugar da palavra, excluindo-se assim a subjetividade.

¹ Em um trabalho anterior (1999), destacávamos que o termo *secreto* está associado às palavras ligadas à noção de continente e conteúdo, assim como à problemática da retenção – incontinência. A palavra *secreto* tem origem no latim *secretum*, participio passado do verbo *secerno* que significa separar, colocar à distância.

A história de Ivan: uma vinheta clínica

Ivan nunca imaginou que algum dia estaria sentado diante de um analista contando sua história. Ligou um dia para marcar uma consulta, dizendo: “Me disseram que ligasse para você porque não consigo respirar, não é asma, não é nada com meu corpo, dizem que é com a minha cabeça...”

Ao chegar ao consultório, vejo um rapaz alto, grande apesar de seus 17 anos, cabelos rastafari. Sua roupa parece ser três números maiores do que o seu tamanho, fala mastigando chiclete permanentemente. Diante de minha pergunta sobre o que o trouxera ao consultório, fala agitado, inquieto e ansioso: “Foi o que eu disse no telefone, não consigo respirar, sinto um sufoco aqui na garganta, passei por exames e não deu nada, então me disseram que não era do corpo, que era da cabeça”.

Pergunto se, quem sabe, seria algo acontecendo com o corpo e com a cabeça. Dá de ombros mostrando indiferença acerca do que estou dizendo e continua falando sem prestar muita atenção em mim.

“Vou explicar: eu vivo de noite, de dia durmo, cada vez que acordo só quero que chegue a noite para começar a beber e a fumar. Quando consigo dormir, acordo quase sempre como saindo de um pesadelo, assustado porque alguém veio me matar e aí já estou asfíxiado. Por sorte, saio cedo com todos meus amigos, eles são os únicos que me entendem, só que esses dias levaram um susto porque bebemos demais, como sempre, e eu comecei a sufocar, pensaram que eu estivesse morrendo e foram falar com meu velho. Nós sempre bebemos bastante, sempre um de nós tem que roubar porque a grana não chega, então uns cuidam e outros roubam. Quando não consigo roubar, roubo do meu velho. Também jogávamos no cassino e aí juntávamos bastante, mas começamos a pedir emprestado pros caras que emprestam e não tínhamos para devolver. Agora eles nos perseguem e querem nos matar”.

Pergunto sobre seu ambiente familiar, ao que responde: “Era meu pai, minha mãe, meu irmão e eu, fui embora com meu pai quando tinha 14 anos, meus velhos brigavam tanto que eu nunca tinha coragem de ir dormir, lembro desde muito pequeno que, às vezes, quando conseguia dormir, os gritos deles me acordavam, ou os pratos que jogavam e quebravam... nunca tinha pratos inteiros na minha casa e, se por acaso eu estivesse passando por ali, levava também. Para dormir eu tinha que pegar a mão do meu irmão, mas mesmo assim não dormia e senão tinha a Maria, que trabalhou um tempo lá em casa quando tinham um pouco de dinheiro. Maria ia para sua casa nos fins de semana. Morava numa favela e eu sempre ia com ela, em casa sozinho não ficava nem louco, ficava

apavorado, na casa dela não tinha banheiro, morava num quarto e não dava para fechar o quarto porque não tinha chave, mas eu estava melhor do que em casa. Eu devia ter uns quatro anos e sempre ia embora com a Maria, uns anos depois, um dia, ela desapareceu, eu pensei que ia morrer, que não ia aguentar, me disseram que a Maria tinha enlouquecido, que estava num hospício, eu queria ir para o hospício com a Maria, não me importava...”

– Ou seja, era preferível a loucura de Maria que a loucura de casa?

“É... sim... agora só o que eu quero saber é se você pode me ajudar a voltar a respirar bem, meus amigos vão pensar que estou dando uma de vivo, que faço de propósito e não é assim, não consigo controlar e sinto vontade de me matar.”

– É muito frequente essa vontade de se matar?

“Sim, ultimamente, sim, mas você não vai dizer isto para meu pai, não é? Na verdade, já estou com tudo planejado, já sei como vou fazer, mas isto é um segredo. Se isto que acontece comigo não passar logo, me mato, estou paralisado e não posso viver assim. O que me freou um pouco é que o velho diz que só tem a mim e que, se acontecer algo comigo, ele se mata; muitas vezes bebe comigo, acabamos bêbados os dois, meus amigos dizem que ele tem pau e buceta porque é pai e mãe. Ele é um bom cara, mas não entende nada do que acontece comigo. Diz para eu deixar a turma de malandros como ele os chama, mas não entende que sem eles eu não sou nada. Quer que eu procure um trabalho porque faz tempo que acabei o ensino médio, mas eu não sei fazer nada... só sei roubar e andar em bando e assim me sinto bem.”

– Bem, dá pra ver que não se sente muito bem e por isso está aqui.

“E como tenho que me sentir? Eu sempre me senti assim, agora um pouco mal, mas nós todos sentimos a mesma coisa, a única diferença é isto que eu tenho de não conseguir respirar, o resto não é importante, andamos todos juntos, em bando porque não temos nada pra fazer, nos embebedamos, cheiramos^{2, 3}, temos que andar alertas, isso sim, porque a polícia pode vir nos pegar, mas sempre tem um que avisa e temos onde nos esconder.”

– Ou seja, há algo único, diferente que é somente seu... que os outros não têm.

“Mas, o que há com você? Então você não me entende? Está dizendo isso como se o que eu tenho fosse algo sensacional! Não vê que me faz muito mal???”

² N.T.: No original, nos emparrillamos.

³ Este termo, usado pelo adolescente, é um neologismo que significa a ingestão de cocaína. O uso desses neologismos tem a função de marcar geracionalmente um sentido de pertença grupal.

Esta foi a primeira entrevista com Ivan. No início dizia que me ligaria para vir, porque marcar um dia e uma hora era algo que não podia prometer, não sabia se conseguiria cumprir, dependeria de se poderia ou não respirar, dependeria do grupo, dependeria de seu estado de ânimo e de quanto álcool e droga tivesse ingerido nesse dia ou no dia anterior, se a polícia estivesse atrás dele, ou se tinha alguma “encomenda” violenta para fazer que garantiria o dinheiro para ele e para o grupo, para continuar consumindo. Até que um dia, depois de vários meses, surgiu nele a necessidade de fixar um dia para vir. Fomos aumentando a frequência e, ele, como era muito perspicaz, um dia disse: “Será que agora não estou me tornando dependente disto?”

Ivan pode, mais adiante, descrever sua mãe e lembrá-la como uma mulher fria e violenta, as lembranças dos pratos sempre quebrados incluíam os pratos que a mãe tinha quebrado também na cabeça dele e do seu irmão, quando eram pequenos e se “comportavam mal”. Conseguiu lembrar um episódio em que perdeu os sentidos e vários em que isto se passou com seu irmão. O pai, segundo Ivan, tinha ciúmes da mãe e tinha motivos para isso. Por isso se alcoolizava de forma a não sofrer tanto por ela, mas nesses momentos perdia a razão e ficava violento com sua mãe. Em um desses episódios excessivos, algum vizinho chamou a polícia, o pai foi preso, o libertaram, mas o proibiram de retornar a sua casa. Ivan e seu irmão resolveram sair imediatamente da casa materna. O irmão foi dividir um quarto com uma mulher mais velha com quem tinha uma relação há algum tempo e Ivan foi morar com seu pai, que queria realmente ajudá-lo. Foi o pai quem, logo após a separação da mãe de Ivan, conseguiu direcionar sua vida e, ao mesmo tempo, encontrou um profissional e se responsabilizou pelo seu tratamento. Há quase dois anos seguimos o tratamento com uma frequência de três sessões semanais e, às vezes, quando ele reconhece que está muito angustiado, acrescentamos mais uma sessão.

Passou-se bastante tempo até ambos começarmos a verbalizar a sua angústia materializada no sintoma de não conseguir respirar e que o levava a consultar. Até esse momento, Ivan encontrara na violência uma maneira de organizar seu espaço psíquico, apaziguando assim suas intensas sensações de angústia. Sua violência não tinha um caráter exclusivamente agressivo, ela expressava também uma maneira de sentir-se, de existir. Esta havia sido a forma de sentir a si mesmo aprendida nas suas relações primitivas, impedindo-se assim o caminho da separação-indivuação. Tal como dissemos anteriormente, a problemática da ausência (de limites, de mãe suficientemente boa) deixara em evidência as falhas narcisistas ocorridas pelas dificuldades precoces no estabelecimento da relação

de objeto. O trabalho psíquico pode ser então rejeitado, porque pode provocar o ressurgimento do sofrimento e reviver aqueles primeiros momentos quando predominou a ausência.

Seu ego frágil fazia grandes esforços para não renunciar a sua individualidade e, como sustentamos, a violência conferiu-lhe identidade e gerou também um sentido de pertença que o grupo colaborou em manter. Mas, apesar de todos os seus esforços, começou a desmoronar e o sintoma assinalou isto, incapacitando-o, por um lado, e levando-o à procura de alguma resposta que o tirasse dessa situação que ele considerava de vida ou morte. O sofrimento tornou-se intolerável e foi aumentando em intensidade. Em primeiro lugar, ficou mascarado pelas atuações e, posteriormente, paralisou-o com o surgimento do sintoma, o que se tornou impossível tolerar por apresentar-se de forma cada vez mais clara e constante. Quando este excesso intolerável de sofrimento não pode mais ser mediatizado por nenhum mecanismo de defesa, seu corpo, que ele sentia como independente de sua cabeça, começou a se expressar. O perigo, então, parecia ter-se tornado mais massivo, passando já para a ordem do terror. Um terror que conhecera na infância e que somente por alguns períodos conseguira acalmar, um dos quais materializado na mão de Maria. Maria enlouqueceu e Ivan reconheceu novamente o pavor da solidão, de sua própria loucura, de seu desamparo.

Se dirigirmos nossa atenção para as atuações adolescentes, tentando dar-lhes um sentido imediato, antes de desvendar sua função efetiva no funcionamento psíquico do adolescente, provavelmente tomaremos o caminho errado. Desvendando sua função, pode-se esclarecer as significações defensivas das atuações, assim como também compreender para onde se direcionam e quais os elementos que determinam sua repetição. A compreensão, por parte do analista, do doloroso e agonizante aviso do adolescente constitui um ponto de aproximação transferencial muito importante (Flechner, 2000).

A sintomatologia, que neste caso se expressou de várias maneiras, incluindo também a angústia, permitiu integrar dentro do espaço analítico suas atuações, evitando considerá-las um risco externo para sua vida psíquica. Elas têm, como mostra Ivan, um caráter de produção psíquica, custosa e dolorosa. Será necessário reconhecer, então, os afetos que as alimentam e as representações que se tenta, ao mesmo tempo, evitar e mostrar através da atuação. Qual seria nossa incógnita? Como conseguir criar no adolescente um espaço psíquico que permita a inclusão do pensamento, adiantando-se, assim, à ação?

O paciente adolescente requer do analista, nestas situações tão intensas e arriscadas, algo mais que suas capacidades afetivas ou empáticas, requer também seu funcionamento mental, o que exigirá uma entrega de forma a ser amado,

odiado, idealizado ou vivido persecutoriamente, na tentativa de instaurar outras bases a partir de um objeto que perdure e não se destrua tão facilmente diante dos avatares psíquicos do adolescente, o que lhe permitirá, entre outras coisas, criar uma passagem diferente através da experiência de presença-ausência, evitando, na medida do possível, que as experiências de separação remetam indefectivelmente à ação.

Através da vinheta clínica, podemos considerar a possibilidade de que a situação analítica seja a que nos abra um campo novo de abordagem do paciente, onde a capacidade de simbolizar comece a se transformar em uma passagem ao ato, ou seja, um ato de simbolização (Cahn, 1991). É nesse ato de simbolização que o analista entrará e se possibilitará, no trabalho conjunto com o adolescente, a abertura de um espaço psíquico destinado a ceder lugar para o pensamento e sua expressão em palavras, quando os processos de discriminação e simbolização tiverem sido insuficientes.

Considerar os atos agressivos e violentos na adolescência dentro do marco analítico significará desencadear intensas vivências afetivas que não tiveram nem tempo nem espaço para passar pelos processos de representação e de simbolização. Criar no tratamento psicanalítico esse espaço de simbolização envolve historiar a violência sempre e quando o analista for capaz de permanecer aberto aos misteriosos e desconhecidos segredos do paciente, muitos dos quais perdurarão, talvez para sempre, como eternos enigmas. □

Abstract

Adolescence and violence: hindrances in the subjectivation process

Violence in adolescence has usually multifactorial origins. The complex situations which emerge during the adolescent transit in which violence is included, are the consequences of an unbalance between singular, familiar and social factors. The authors briefly analyze the socio-cultural and familiar points of view and focus afterwards in the psychoanalytic point of view referred to violence and acting out in adolescence. Through a clinical case the authors attempt to clarify the fundamental role of the psychoanalytic treatment as an opening of a space: the space of analysis concurrently with the psychic space, where thinking and its expression through words can take place.

Keywords: Adolescence. Violence. Acting out. Psychoanalytic space.

Resumen

Adolescencia y violencia: dificultades en el proceso de subjetivación

La violencia en la adolescencia tiene habitualmente orígenes multifactoriales. Las complejas situaciones que se dan a lo largo del tránsito adolescente entre las cuales se incluye la violencia son el producto del desequilibrio de factores singulares, familiares y sociales. Transitaremos brevemente por los puntos de vista socioculturales, así como también por los familiares para centrarnos en el punto de vista psicoanalítico, referido a la violencia como así también al actuar en la adolescencia. A través del ejemplo clínico se intentará explicitar el papel fundamental del tratamiento psicoanalítico como apertura de un espacio: el espacio del análisis concomitantemente con el espacio psíquico, destinado a cederle el lugar al pensamiento y su puesta en palabras.

Palabras llave: Adolescencia. Violencia. Actuar. Espacio analítico.

Referencias

- AULAGNIER, P. (1976). Le droit au secret: condition pour pouvoir penser. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris (14):141-57, automne 1976.
- BERGERET, J. (1994). *La violence et la vie*. Paris: Payot.
- BLOS, P. (1962). *On adolescence: a psychoanalytic interpretation*. New York: The Free Press.
- CASTORIADIS, C. & AULAGNIER, P. (1975). *La violencia de la interpretación: del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- CAHN, R. (1991). Du sujet rapport. *Rev. Fr. Psychanal.*, 6: 1371-1390.
- CHABERT, C. Le passage à l'acte, une tentative de figuration? *Adolescence*, ISAP, 2000.
- FLECHNER, S. La clínica actual de pacientes adolescentes en riesgo ¿un nuevo desafío? *Rev. Uruguaya de Psicanálise*, 2000, 92.
- FREUD, S. (1894). Proyecto de una psicología para neurólogos. Buenos Aires: Amorrortu, v. 1.
- _____. (1913). Tótem y Tabú. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 13.
- _____. (1915). De guerra y muerte, temas de actualidad. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 14.
- _____. (1920). Más allá del principio del placer. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, v. 18.
- _____. (1932). Por qué la guerra? In: *Obras completas*. Amorrortu: Buenos Aires. v. 22.
- GREEN, A. (1990). *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1995). El trabajo de lo negativo. Buenos Aires: Amorrortu.
- KLEIN, M. (1927). Tendencias criminales en niños normales. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Paidós, v. 2.
- MAGGI, I. & FLECHNER, S. (1999). Secret de la violence, violence du secret. 5th ISAP Congress, Aix en Provence 4-7 Jul., 1999. *Adolescence*, Monographie, 2000.

NIN, A. Confrontación intergeneracional y búsquedas identificatorias a la luz de un caso clínico. *Congreso de IPA*, Rio de Janeiro, jul. 2005.

REGUILLO CRUZ, R. (2000). *Estrategias del desencanto*. Buenos Aires: Norma.

VIÑAR, M. (2004). *Violência en la adolescência*. APU: Montevideo. (Conferência proferida em Jornadas de Adolescência).

WINNICOTT, D. W. (1984). *Deprivación y delincuencia*. Buenos Aires: Paidós.

Recebido em 24/08/2009

Aceito em 01/09/2009

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Álvaro Nin

Vázquez Ledesma 2993/901

11300, Montevideo – Uruguay

e-mail: adnin@montevideo.com.uy

Silvia Flechner

Vázquez Ledesma 2993/901

11300, Montevideo – Uruguay

e-mail: sflech@chasque.apc.org

© Álvaro Nin

© Silvia Flechner

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA